

Fernando Iazzetta (Org.)

Culturas Sonoras

São Paulo: Berro - Músicas e Sons

1.ª Edição, 2025

ISBN 978-85-7205-291-7

DOI 10.11606/9788572052917

Editoração - Fernando Iazzetta

Capa - Fernanda Vaidergorn

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C967 Culturas sonoras [recurso eletrônico] / organização Fernando Iazzetta. –
São Paulo: ECA-USP: Berro Música e Sons, 2025.
PDF (242 p.): il. color.

ISBN 978-85-7205-291-7
DOI 10.11606/9788572052917

1. Som (Música) - Estudo. I. Iazzetta, Fernando.

CDD 21. ed. – 781.23

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



<https://br.creativecommons.net/licencas/>

Apresentação

Fernando Iazzetta

Organizador

A coletânea que aqui se apresenta reflete o trabalho que vem sendo desenvolvido no Brasil dentro do campo dos estudos do som, ou sonologia, como também tem sido chamado. Este campo interdisciplinar busca explorar os domínios do som e da escuta como formas de conhecimento e reflexão. Ao longo das últimas décadas, os estudos do som se consolidaram internacionalmente como um território de investigação que transcende as fronteiras disciplinares, promovendo um diálogo entre a música, a antropologia, a comunicação, a filosofia, a arte sonora e os estudos culturais. No Brasil, esse movimento tem encontrado um terreno fecundo para se desenvolver, articulando-se tanto com tradições musicais e culturais locais, quanto com discussões globais sobre o som e a escuta.

Os dezoito capítulos apresentados a seguir foram escritos por pesquisadores e artistas de diversas partes do país, os quais de alguma maneira estiveram envolvidos com o NuSom – Núcleo de Pesquisas em Sonologia da Universidade de São Paulo. O Núcleo, formado em 2012, tem exercido um papel ativo na consolidação do campo no Brasil e na conexão entre as nossas pesquisas e a rica produção internacional surgida nas últimas três décadas.

O livro reúne trabalhos que transitam entre diferentes perspectivas, combinando abordagens acadêmicas mais analíticas e teóricas com ensaios que exploram o som e a escuta em uma dimensão poética e experimental. A diversidade de temas reflete esse caráter plural, trazendo textos que discutem a escuta enquanto prática cultural e política, relatos que propõem formas alternativas de se relacionar com a paisagem sonora, análises históricas sobre tecnologias e práticas musicais, além de investigações sobre a produção e percepção do som em diferentes contextos.

A coletânea está organizada em cinco eixos temáticos. O primeiro, "Poéticas da Escuta", aborda a escuta como experiência subjetiva e narrativa, atravessada por memórias, deslocamentos e fabulação. Essa seção aponta para um assunto que só tardiamente apareceu na rica literatura produzida no campo da música: a escuta. É somente com as primeiras abordagens sociológicas do ouvinte feitas por Adorno e com o mergulho realizado por Pierre Schaeffer na direção de decifrar o fenômeno sonoro a partir da sua percepção e compreensão que a escuta se torna objeto de investigação sistemática. Daí abriu-se um leque extraordinário de propostas para

tomar a escuta como uma forma de conhecimento. É exatamente este o assunto do texto que abre a primeira seção, *Relatos afetivos: da escuta à escrita, da escrita à escuta*, de Valéria Bonafé e Lillian Campesato. As autoras desenvolvem um método, ao mesmo tempo preciso e poético, voltado para o compartilhamento daquilo que escutamos e que se situa para além do próprio som. Na mesma direção, em *Retratos sonoros de deslocamentos urbanos em caminhadas e escutas*, Alexandre Fenerich desenvolve uma reflexão sensível sobre sua experiência com as caminhadas sonoras, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, aproximando memória e experiência no contexto urbano. *A imagem que se ouve*, de Fernando Iazzetta, retoma questões que foram prementes na formação de uma primeira música eletroacústica (particularmente nas discussões provocadas no âmbito da escola da música concreta) em torno dos processos de representação gerados pela escuta ao enfatizar o caráter imagético do fenômeno sonoro. O texto seguinte, *Do meme sonoro*, de Henrique Rocha Souza Lima, fecha a seção especulando a respeito de uma ecologia sonora contemporânea, em que áudio-vírus e memes representam um desafio para as subjetividades de nossas escutas.

O segundo eixo, "Escutas Poéticas", apresenta textos que dialogam com a produção artística contemporânea, explorando diferentes formas de expressão sonora e suas interseções com a palavra, a performance e a tecnologia. Em contraste com a seção anterior, aqui temos a escuta não como método ou processo para conhecer, mas como matéria própria para criação poética e sensível. Em *Canções sobre um dia-a-dia qualquer*, Rui Chaves convida o leitor a 'escutar' o texto como se este fosse um álbum sonoro, recriando a cada faixa uma narrativa musical cheia de ironia, crítica e sensibilidade. Na sequência, Flora Holderbaum compartilha sua própria escuta e análise de i-131, composição de Valéria Bonafé. O texto, intitulado *Das possibilidades de emergência de outras vocalidades em i-131*, de Valéria Bonafé, é a adaptação de um capítulo de sua tese de doutorado, *Pensar as Vozes, Vocalizar o Logos, das possibilidades de emergência de outras vocalidades* (2019), e se configura, nas palavras da autora, como uma análise musical segundo o método da "geografia afetiva". Em sintonia com as contribuições de Chaves e de Holderbaum, Vitor Kisil desenvolve em *Alerta. Sobre [a consciência de] estar no meio* um relato de experiência pessoal, desta vez buscando desmontar os pesados fardos representados pelos modos canônicos de se ensinar, praticar e entender a música e o entorno sonoro.

"Histórias" é o terceiro eixo, no qual são reunidos trabalhos que investigam histórias e genealogias do som e da música, considerando não apenas suas materialidades, mas também os discursos que as atravessam. Os quatro textos dessa seção constituem uma contribuição inestimável e original para pensarmos uma história que se forma em torno, e por meio, do som. André Damião Bandeira reconstrói, de maneira perspicaz e crítica, uma passagem importante da música recente no Brasil ao examinar a formação da área da computação musical no país. O trabalho seguinte traz um projeto semelhante, mas desta vez deslocando a atenção para a formação histórica de uma prática cada vez presente no âmbito das artes sonoras: a gravação de campo. Aqui, Gustavo Branco desenvolve seus *Episódios para uma história da gravação de*

campo no Brasil, juntando as pontas improváveis de uma rede que nos permite fazer uma outra leitura dessa prática no país. José Guilherme Allen de Lima, conhecido no meio musical e acadêmico como Missionário José, traz para a luz um daqueles poetas brilhantes que insistimos em manter à margem das narrativas formais e bem estabelecidas. Seu texto, *Gatorra: 30 anos de um instrumento de protesto*, narra a saga de um instrumento único, a Gatorra, e de seu instigante criador, o músico e inventor Tony da Gatorra. Fechando a seção, Eder Pena toca num tema que vem sendo ativamente discutido na música atual: o experimentalismo. Em *Bastidores do experimentalismo: (re)agentes de formação*, Pena expõe os elementos culturais e filosóficos que se tornaram a base para o experimentalismo estadunidense a partir do início do século XX.

O quarto eixo, "Áudio e Fonografias", traz reflexões sobre escuta, gravação e produção audiovisual em diferentes contextos, desde o áudio imersivo até a criação sonora para jogos eletrônicos. Questões voltadas para os aspectos materiais e tecnológicos envolvendo a produção e recepção sonoras funcionam como pano de fundo dos três textos que aparecem na sexta seção. Em sua contribuição *Um ouvido treinado ou uma escuta artística? Desafios para o desenvolvimento da escuta de áudio-musicistas*, Daniel Tápia dá continuidade ao desenvolvimento de seu conceito de áudio-musicista, trazendo um enfoque artístico para o trabalho de produção fonográfica, aspecto que muitas vezes é apagado pela perspectiva tecnicista geralmente associada a esse campo. Por sua vez, Julián Jaramillo Arango mostra em *Áudio imersivo, personificação e perspectiva em primeira pessoa*, como o papel do som no cinema precisa ser reformulado à medida que são incorporadas formas narrativas imersivas de realidade virtual. Essas discussões se complementam com um terceiro ponto de vista, desta vez aplicado ao cada vez mais presente campo dos jogos digitais. Aqui, Vicente Reis Farias destrincha o funcionamento da produção sonora dentro da indústria brasileira de games em seu texto *Perspectivas do campo produtivo de áudio para jogos no Brasil*.

Por fim, "Pedagogias" examina abordagens educativas e formativas relacionadas ao som, explorando práticas de ensino, extensão universitária e o papel da escuta no aprendizado. Aqui vale notar que as atividades realizadas no NuSom sempre estimularam o cruzamento entre a produção artística e a pesquisa acadêmica. E uma parte significativa dos pesquisadores que passaram pelo Núcleo encontra-se naturalmente envolvida com ações de ensino e extensão universitária nas instituições em que atuam. Essas ações sempre foram vistas como fundamentais nas propostas desenvolvidas pelo NuSom, particularmente como forma direta e imediata de devolver para a sociedade o trabalho produzido no âmbito acadêmico. O texto que abre esta última seção revela o potencial das práticas artísticas para promover ações pedagógicas em contextos em que há carência de recursos técnicos e humanos. Marina Mapurunga descreve, em *Pedagogia sonora no Recôncavo da Bahia*, as suas experiências com a comunidade local em Cachoeira, na Bahia, e apresenta os resultados transformadores de seu projeto. Na mesma região, Armando Castro e Fábio Leão Figueiredo desenvolvem projetos em que as tradições afro-ameríndias são trazidas para o centro das suas ações. No capítulo *Música*

no Recôncavo Baiano: um breve relato de experiências extensionistas e curriculares a partir do CECULT/UFRB os docentes relatam como algumas experiências podem promover uma relação mais horizontal entre universidade e comunidade, possibilitando a integração de nichos culturais que historicamente tiveram pouco espaço dentro do contexto acadêmico. Em um contexto diverso, mas com uma perspectiva semelhante à dos textos anteriores, Rogério Costa relata uma ação pontual dentro do projeto artístico e pedagógico que ele desenvolve há muito tempo em torno das práticas musicais de improvisação livre. Em *Dimensões não sonoras da improvisação livre: acolhimento e interação*, ele convida dois de seus alunos, Barbara Blasques Galan e Leonardo de Oliveira Rocha, a relatar as suas próprias experiências naquele contexto. Fechando a seção, Cristiano Figueiró adentra o campo do ensino de arte sonora com utilização de software livre oferecendo um guia condutor para aqueles interessados em desenvolver seus trabalhos com ferramentas de programação, ao mesmo tempo acessíveis e poderosas.

Ao reunir essas contribuições diversas, este livro também busca evidenciar as tensões e aproximações entre os estudos do som e a pesquisa musical. De maneira geral, enquanto os estudos do som tendem a pensar o som e a música em relação aos seus contextos, explorando suas dimensões culturais, políticas, materiais e sensíveis, a pesquisa em música frequentemente se concentra em questões internas à própria música, analisando estruturas, sintaxes e processos composicionais. Essa distinção, no entanto, não deve ser vista como uma oposição, mas sim como uma oportunidade para ampliar as possibilidades de investigação e criar pontes entre diferentes formas de pensamento sobre o som.

Dentro dessa perspectiva, este livro é um convite para que pesquisadores, artistas e ouvintes explorem as múltiplas maneiras de se pensar e experienciar o som, abrindo espaço para novas escutas e novas formas de compreender a complexidade dos campos sonoros em que estamos imersos.